

A HAPLOLOGIA E O PRINCÍPIO DO CONTORNO OBRIGATÓRIO

THE HAPLOLOGY AND THE OBLIGATORY CONTOUR PRINCIPLE

Taíse Simioni

Universidade Federal do Pampa

Fabiana Urrutia Amaral

Universidade Federal do Pampa

RESUMO: Neste trabalho, descrevemos e analisamos a ocorrência de haplogogia na cidade de Bagé (RS). A haplogogia é um tipo de fenômeno fonológico em que ocorre a queda total da primeira sílaba em uma sequência de duas sílabas semelhantes, como em *vonta de dormir*, para *vontade de dormir*. Para a execução deste trabalho, foram realizadas dez entrevistas com pessoas com nível superior de escolaridade, concluído ou em andamento. Sequências com a mesma vogal, com consoantes de igual vozeamento e dentro de uma mesma frase fonológica exerceram papel favorecedor para a ocorrência de haplogogia. O fato de que sequências com a mesma vogal e com consoantes de igual vozeamento favorecem o fenômeno da haplogogia permitiu que trouxéssemos evidências para a atuação do Princípio do Contorno Obrigatório na realização do fenômeno sob análise.

PALAVRAS-CHAVE Haplogogia; variação linguística; OCP.

ABSTRACT: In this work, we will describe and analyze the occurrence of haplogogy in the town of Bagé (RS). The haplogogy is a kind of phonological phenomenon in which occurs the total fall of the first syllable in a sequence of two similar syllables, as in *vonta de dormir*, instead of *vontade de dormir*. In order to perform this work, ten interviews were conducted with people who had a college degree and also with people who were in college. Sequences with the same vowel and with consonants of equal voicing in the same phonological phrase played a favoring role to the occurrence of haplogogy. The fact that the sequences with the same vowel and with consonants of equal voicing favor the phenomenon of haplogogy allowed to bring evidence to the performance of the Obligatory Contour Principle in the incidence of the phenomenon that is being analyzed.

KEYWORDS: Haplogogy; linguistic variation; OCP.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma análise sobre a ocorrência de haplogogia na cidade de Bagé (RS). Crystal (2000, p. 137) define o fenômeno como “a omissão de alguns sons que ocorrem em uma sequência de articulações semelhantes”, como em *vonta de dormir*, no lugar de *vontade de dormir*. Até onde temos conhecimento, poucos trabalhos variacionistas foram realizados com informantes da cidade de Bagé, localizada na região da Campanha do Rio Grande do Sul. Especificamente sobre a haplogogia, não sabemos de nenhum estudo com dados desta região. Desta forma, este trabalho contribui para a descrição do português falado, especialmente em uma região sobre a qual os trabalhos variacionistas não se aprofundaram ainda. Destacamos que a cidade de Bagé localiza-se em uma região de fronteira com um país de língua espanhola, o Uruguai. Esta situação pode influenciar a fala de seus cidadãos.

Para a execução da pesquisa foram realizadas dez entrevistas com pessoas com nível superior de escolaridade, concluído ou em andamento. Tais entrevistas foram gravadas em um gravador digital, depois ocorreu a transcrição de parte delas para que os dados pudessem ser, posteriormente, analisados através do programa GOLDVARB 2001. Tomando como pressuposto teórico a Teoria da Variação Linguística (Labov, 1991 [1972]), foram analisadas a variável dependente, no caso, a ocorrência de haplogogia na cidade de Bagé, e variáveis independentes linguísticas: tonicidade das sílabas, qualidade das vogais, vozeamento das

consoantes e posição em relação à frase fonológica. A motivação para o fato de não considerarmos em nossa análise variáveis independentes extralinguísticas será explicitada adiante. Das quatro variáveis linguísticas analisadas, três foram selecionadas como relevantes para a realização do fenômeno: qualidade das vogais, vozeamento das consoantes e posição em relação à frase fonológica. A seleção das duas primeiras variáveis nos motivou a relizar uma discussão sobre a atuação do Princípio do Contorno Obrigatório no processo de haplologia.

A seguir, explicitamos a estrutura deste trabalho. Na primeira seção, apresentamos três trabalhos basilares para a realização de nossa pesquisa: Alkmim e Gomes (1982), Battisti (2005) e Tenani (2003). A segunda seção dedica-se a descrever a metodologia empregada. As variáveis consideradas em nossa pesquisa e as hipóteses que as motivaram são discutidas nesta seção. A terceira seção traz a análise dos resultados. Na quarta seção, discutimos a relevância de OCP para a discussão sobre a haplologia. Logo após, encontram-se as considerações finais.

1. Revisão da literatura

Nesta seção, serão retomados três importantes trabalhos sobre haplologia que nortearão nossa análise: Alkmim e Gomes (1982), Battisti (2005) e Tenani (2003). O primeiro lança as diretrizes dos estudos de haplologia no Brasil; Battisti (2005) apresenta um estudo variacionista da haplologia; enquanto Tenani (2003) analisa a influência das fronteiras prosódicas no fenômeno sob análise neste texto.

Alkmim e Gomes (1982, p. 48) definem a haplologia como um fenômeno em que “há a supressão da sílaba final de uma palavra quando seguida por outra foneticamente semelhante”, como em *limite de palavra*, realizado como *limi de palavra*. Segundo as autoras, a regra em (1) formaliza o processo de haplologia.

$$(1) \quad \begin{array}{c} C \\ \left[\begin{array}{c} +\text{cor} \\ -\text{cont} \\ -\text{nas} \end{array} \right] \\ 1 \end{array} \quad \begin{array}{c} V \\ \left[\begin{array}{c} +\text{alto} \\ -\text{acento} \end{array} \right] \\ 2 \end{array} \quad \#\# \quad \begin{array}{c} C \\ \left[\begin{array}{c} +\text{cor} \\ -\text{cont} \\ -\text{nasal} \end{array} \right] \\ 3 \end{array} \quad \left(\begin{array}{c} C \\ \left[\begin{array}{c} +\text{soa} \\ -\text{cont} \\ -\text{nasal} \end{array} \right] \end{array} \right) \quad \begin{array}{c} V \\ \left[\begin{array}{c} -\text{acento} \end{array} \right] \\ 5 \end{array}$$

oo ## 3 (4) 5

A regra em (1) deve ser lida da seguinte maneira: “A supressão de sílaba irá ocorrer com as dentais, exceto a nasal, quando as sílabas envolvidas no processo forem ambas átonas e a primeira vogal tiver o traço [+alto]” (Alkmim e Gomes, 1982, p. 51).

As autoras não consideram haplologia sequências como *sabe beijar* > *sabeijar* e *cano novo* > *canovo*, pois, nestes casos, ocorreria apenas a supressão da vogal final de palavra, e as duas consoantes em contato continuariam sendo pronunciadas. Sequências como *pode deixar* > *podeixar* e *pode falar* > *pofalar* também não são analisadas como casos de haplologia por Alkmim e Gomes, pois, segundo as autoras, a supressão que ocorre aqui está restrita a determinados itens lexicais. Resumindo, para Alkmim e Gomes (1982) só ocorrerá haplologia em sequências com /t/ e /d/ subjacentes, em que ambas as vogais envolvidas sejam átonas e em que a primeira vogal seja alta.

Battisti (2005) realizou um estudo para averiguar a ocorrência de haplologia na cidade de Porto Alegre. Para isso, utilizou o mesmo contexto estudado por Alkmim e Gomes, que é uma sílaba CV (em que C representa “consoante” e V representa “vogal”) seguida de uma sílaba C(C)V (*vontade de conhecer, tanto trabalho*), desde que tais sílabas contenham /t/ e /d/ subjacentes. Cabe destacar que Battisti (2005), ao contrário de Alkmim e Gomes (1982), considera ser possível a haplologia em contextos em que a segunda vogal é tônica, como em *muito tempo*. Segundo a autora, um exame preliminar dos dados levou a uma exclusão das

sequências em que a primeira vogal é tônica, como em *bidê de porcelana*, uma vez que não ocorreria haplologia neste contexto. A autora analisou 24 entrevistas do banco de dados Varsul e considerou, para sua análise, quatro variáveis linguísticas (tonicidade das sílabas, qualidade das vogais, vozeamento das consoantes de ataque e posição em relação à frase fonológica) e duas variáveis extralinguísticas (idade e sexo). No trabalho de Battisti, os informantes possuíam nível superior de escolaridade. A escolaridade, portanto, não foi uma variável controlada pela autora.

Neste estudo, foi constatado que a posição em relação à frase fonológica e a qualidade das vogais influenciam a ocorrência da haplologia. Com relação à primeira variável, a haplologia é favorecida quando a sequência de sílabas está localizada no interior de uma mesma frase fonológica (como em *conbece* **o mundo todo**), em oposição a contextos em que as sílabas localizam-se em frases fonológicas distintas (como em *eu gosto muito de falar*). No que diz respeito à qualidade das vogais, sequências com a mesma vogal (*vontade de conbece*) favorecem a ocorrência de haplologia, em oposição a sequências com vogais diferentes (*jeito de ser*).

No estudo de Battisti (2005), não foi selecionada como relevante para a realização da haplologia nenhuma das variáveis extralinguísticas. Segundo a autora, este resultado permitiu constatar que “as variáveis sociais controladas, Sexo e Idade, não desempenham papel frente à haplologia, ou seja, que o condicionamento da regra variável é interno” (Battisti, 2005, p. 82). Battisti afirma que este resultado já era esperado, uma vez que a haplologia não é facilmente percebida pelos falantes e sua realização não é carregada de prestígio, tampouco é estigmatizada, revelando características do que Labov (1994) chama de *mudança de baixo* (em relação ao nível da consciência).

Cabe mencionar que Battisti (2005) ressalta a relevância do Princípio do Contorno Obrigatório (OCP, do inglês *Obligatory Contour Principle*) para a análise do processo de haplologia. Segundo a autora, pode-se tomar OCP-generalizado, proposto por De Lacy (1999)¹, como uma restrição atuando no sentido de demandar a “não realização de estrutura no contexto de identidade de elementos em sequência, ambiente de haplologia” (Battisti, 2005, p. 86).

Tenani (2003) tem como foco a análise da haplologia em sua relação com os constituintes prosódicos. Para tal, leva em consideração a hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1994) [1986]. Segundo nos mostra a autora, a haplologia não é bloqueada por nenhuma fronteira prosódica, entretanto quanto mais alta for a fronteira da hierarquia prosódica menor será a ocorrência do fenômeno. Tenani também analisa a influência do acento no processo de haplologia. Conforme o resultado de sua pesquisa, pode ocorrer haplologia quando as duas sílabas envolvidas são átonas (*autoridade ditou*) ou quando apenas a segunda é tônica (*autoridade dita*), mas não quando a primeira é tônica (*Didi ditou*). Além disso, a autora observa os contextos segmentais favorecedores ou não da realização de haplologia: a haplologia não ocorre quando a sequência é /ti+di/, mas ocorre com as demais sequências e acontece ainda mais se as sequências forem iguais (/di+di/ ou /ti+ti/)².

2. Metodologia

-
- 1 De Lacy propõe uma distinção entre o OCP tradicional e o OCP-generalizado. O primeiro seria como aquele formulado por McCarthy (1986), segundo o qual são proibidas duas matrizes de traços iguais adjacentes. OCP-generalizado faria referência a sequências de segmentos, não a segmentos individuais. Voltaremos a esta questão adiante.
 - 2 Perini (1984) levanta a hipótese de que a haplologia possa ser influenciada pelo status informacional (informação nova x informação dada) dos constituintes envolvidos. Segundo o autor, o fenômeno seria favorecido no caso de a sequência sujeita a haplologia trazer informação dada ao interlocutor. Tenani, em sua análise, controla esta variável e chega à conclusão de que ela não exerce influência sobre o fenômeno. Cabe aqui uma observação. Tenani realiza um estudo experimental sobre a haplologia, ou seja, seus dados são extraídos da leitura de frases com contextos cuidadosamente controlados. Pavezi (2006) realiza uma pesquisa com dados de fala “espontânea”, estabelecendo uma comparação com a análise feita por Tenani. Parte dos resultados de Tenani foram corroborados por Pavezi.

Para a realização desta pesquisa, foram feitas dez entrevistas com pessoas de nível superior de escolaridade, concluído ou em andamento³. Optamos por nos restringir a este nível de escolaridade para que os resultados desta pesquisa pudessem ser comparados com os de Battisti (2005), que, como mencionamos anteriormente, também utilizou dados obtidos a partir de entrevistas com informantes de ensino superior. Os informantes de nossa pesquisa são da cidade de Bagé (RS). As entrevistas foram realizadas entre os meses de março a maio de 2011, tendo sido gravadas em um gravador digital. As gravações tiveram duração média de 45 minutos. Nas entrevistas, os informantes foram incentivados a produzir narrativas de experiências pessoais. De acordo com Tarallo (2007), este tipo de narrativa faz com que o informante despreocupe-se com a forma como está falando e concentre-se no que está contando, o que permite uma coleta de dados de fala mais espontânea. A escuta dos dados foi feita por até cinco vezes para cada entrevista, até que não houvesse mais nenhuma dúvida em relação ao que estava sendo analisado. Nesse momento também foi realizada a transcrição de partes das entrevistas: foram transcritas todas as frases em que havia contexto para a realização da haplologia. Depois de codificadas as variáveis, que serão apresentadas adiante, os dados foram analisados estatisticamente através do programa GOLDVARB 2001.

2.1 Variáveis e hipóteses

A seguir, serão explicitadas a variável dependente e as variáveis independentes consideradas neste trabalho, que tem como pressuposto teórico a Teoria da Variação Linguística (Labov, 1991 [1972]).

2.1.1 Variável dependente

A variável dependente considerada para este trabalho é a ocorrência ou não de haplologia na cidade de Bagé (RS). Para nossa análise, só será considerada uma realização de haplologia nos casos em que acontece a supressão total da primeira sílaba em uma sequência de duas sílabas idênticas ou parecidas, com /t/ e /d/ subjacentes (como em *pare destruída* para *parede destruída*), conforme proposto por Alkmim e Gomes (1982).

2.1.2 Variáveis independentes extralinguísticas

No presente trabalho, não serão consideradas as variáveis independentes extralinguísticas, porque, conforme Battisti (2005), há evidências de que tais variáveis não exercem papel na realização da haplologia. Interessa-nos, então, neste momento, observar os fatores internos que exercem influência sobre o fenômeno em análise. Em um trabalho futuro, talvez possamos ampliar nossa coleta de dados de maneira a controlar variáveis extralinguísticas como idade, sexo e escolaridade, a fim de verificarmos se tais variáveis realmente não desempenham papel na realização da haplologia.

2.1.3 Variáveis independentes linguísticas

As variáveis independentes linguísticas consideradas neste trabalho são: (a) tonicidade das sílabas, (b) qualidade das vogais, (c) vozeamento das consoantes e (d) posição em relação à frase fonológica. Ressaltamos que a seleção destas variáveis apoia-se na análise feita por Battisti (2005), a fim de que possamos estabelecer comparações entre seu trabalho e nossa pesquisa. Apresentaremos mais detalhadamente a seguir estas variáveis, explicitando as hipóteses relativas a cada uma.

3 Não houve uma divisão equânime dos informantes no que diz respeito a idade e sexo pelos motivos explicitados logo adiante.

No que diz respeito à tonicidade das sílabas, consideramos os seguintes fatores: as duas sílabas são átonas (*muito dinheiro*) ou a primeira sílaba é átona e a segunda é tônica (*mundo triste*). Como vimos anteriormente, Tenani (2003) e Battisti (2005) revelam que não ocorre haplologia se a primeira sílaba é tônica. Por este motivo, esta configuração não é analisada em nosso trabalho. Sobre esta variável, acredita-se que a sequência de duas sílabas átonas favoreça mais a ocorrência de haplologia do que a sequência de sílaba átona seguida de sílaba tônica, em conformidade com os resultados apresentados por Battisti (2005).

Quanto à qualidade das vogais, observamos se as vogais são iguais (*parede destruída*) ou diferentes (*celebridade do momento*). Levando em consideração o fato de que o processo de haplologia é desencadeado pela semelhança entre sílabas em sequência no contato entre palavras, espera-se que vogais iguais favoreçam a ocorrência de haplologia, em oposição a vogais diferentes. Cabe destacar que este foi o resultado encontrado por Battisti (2005).

Com relação ao vozeamento das consoantes, os fatores analisados são: sequência de consoantes desvozeadas (*muito triste*), sequência de consoantes vozeadas (*celebridade do momento*) e consoantes com diferente vozeamento (*muito dinheiro*). Acredita-se que sequências de consoantes com mesmo vozeamento favoreçam a regra variável de haplologia, em oposição a sequências de consoantes com diferente vozeamento, pois a semelhança entre os segmentos contribui para a ocorrência da haplologia.

Por fim, no que se refere à posição em relação à frase fonológica, Tenani (2003) nos mostra que a haplologia tende a ocorrer com menos frequência em fronteiras prosódicas mais altas. Apoiando-nos em Battisti (2005), acreditamos que, se a frase fonológica é o contexto prosódico mais favorecedor para a realização da haplologia, o contexto interno a uma frase fonológica favorecerá tal realização ainda mais. Desta forma, os fatores considerados são: dentro da frase fonológica (*ele estava muito triste*) e entre frases fonológicas (*ele gosta muito de correr*).

O Quadro (1) sistematiza as variáveis consideradas em nossa análise.

Variável dependente	Variáveis independentes linguísticas
A haplologia ocorre. A haplologia não ocorre.	(a) Tonicidade das sílabas: - as duas sílabas são átonas (<i>muito dinheiro</i>); - a primeira sílaba é átona e a segunda é tônica (<i>mundo triste</i>). (b) Qualidade das vogais: - as vogais são iguais (<i>parede destruída</i>); - as vogais são diferentes (<i>celebridade do momento</i>). (c) Vozeamento das consoantes: - as consoantes em sequência são desvozeadas (<i>muito triste</i>); - as consoantes em sequência são vozeadas (<i>celebridade do momento</i>); - as consoantes em sequência apresentam diferente vozeamento (<i>muito dinheiro</i>). (d) posição em relação à frase fonológica: - a sequência está dentro da frase fonológica (<i>ele estava muito triste</i>); - a sequência está entre frases fonológicas (<i>ele gosta muito de correr</i>).

Quadro 1 – Variável dependente e variáveis independentes linguísticas

Na sequência, apresentamos os resultados de nossa pesquisa.

3 Análise dos resultados

O programa GOLDVARB 2001 selecionou como estatisticamente relevantes para a ocorrência da haploglia três das quatro variáveis analisadas. Apresentaremos as variáveis na ordem em que foram selecionadas pelo programa:

- posição em relação à frase fonológica;
- qualidade das vogais;
- vozeamento das consoantes.

No que diz respeito à posição em relação à frase fonológica, os resultados apresentados na Tabela (1) confirmaram a hipótese de que a posição dentro da frase fonológica favoreceria a realização do fenômeno analisado. Tal favorecimento mostrou-se bastante acentuado, uma vez que há uma distância muito grande entre o peso relativo do fator “dentro da frase fonológica” (0,86) e o do fator “entre frases fonológicas” (0,09). Em Battisti (2005), como mencionamos anteriormente, esta variável também foi selecionada e, embora o contexto no interior de uma frase fonológica também tenha se mostrado como favorecedor, a diferença entre os fatores não é tão grande (apenas 0,08).

	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Dentro da frase fonológica (<i>ele estava muito triste</i>)	29/42	69	0,86
Entre frases fonológicas (<i>ele gosta muito de correr</i>)	1/33	3	0,09
TOTAL	30/75	40	

Tabela 1 – Posição em relação à frase fonológica

Como já era esperado, no que se refere à atuação da qualidade das vogais, vogais iguais mostraram-se favorecedoras da ocorrência de haploglia, como pode ser visto na Tabela (2). Nos resultados obtidos no presente trabalho, é possível observar que o peso relativo atribuído às sílabas com a mesma vogal (0,79) está bem acima do ponto neutro, diferentemente do peso relativo de 0,34 atribuído às sílabas com vogais diferentes. Para Battisti (2005), conforme afirmamos acima, esta variável também mostrou-se relevante, embora, diferentemente do que aconteceu em nossa análise, o fator “sílabas com diferentes vogais” tenha ficado com peso relativo próximo ao ponto neutro (0,47).

	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Sílabas com mesma vogal (<i>parede destruída</i>)	19/24	79	0,79
Sílabas com diferentes vogais (<i>celebridade do momento</i>)	11/51	21	0,34
TOTAL	30/75	40	

Tabela 2 – Qualidade das vogais

Em relação ao vozeamento das consoantes, constatamos, em conformidade com nossas hipóteses, que consoantes com igual vozeamento favorecem significativamente a ocorrência de haploglia. As consoantes desvozeadas em ambas as sílabas obtiveram peso relativo de 0,82, e as consoantes vozeadas em ambas as sílabas ficaram com peso relativo de 0,67; ao passo que consoantes com vozeamento diferente demonstraram-se não favorecedoras da ocorrência de haploglia, com peso relativo de 0,25. Isto comprova que consoantes de igual vozeamento exercem um papel bastante favorecedor para a realização da haploglia, como pode ser constatado no Tabela (3). Destacamos que, em Battisti (2005), esta variável não foi selecionada,

embora, conforme afirma a autora, em uma das rodadas se tivesse feito uma amalgamação dos fatores desta variável, de maneira a opor consoantes de igual vozeamento e consoantes de diferente vozeamento.

	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Sequência de consoantes desvozeadas (<i>muito triste</i>)	7/11	63	0,82
Sequência de consoantes vozeadas (<i>celebridade do momento</i>)	18/29	62	0,67
Sequência de consoantes com diferente vozeamento (<i>muito dinheiro</i>)	5/35	14	0,25
TOTAL	30/75	40	

Tabela 3 – Vozeamento das consoantes

Os resultados obtidos no presente trabalho apontam para o fato de que sequências de sílabas localizadas no interior de uma frase fonológica favorecem a ocorrência de haplologia. Além disso, vogais iguais e consoantes de igual vozeamento favorecem tal ocorrência na produção oral dos falantes da cidade de Bagé (RS), o que demonstra que uma maior semelhança entre os segmentos em contato é muito importante para facilitar a realização da haplologia.

4. Discussão dos resultados

Nesta seção, temos como objetivo destacar a atuação de OCP sobre o fenômeno da haplologia.

Battisti (2004) discute, a partir do aparato teórico da Teoria da Otimidade (Prince e Smolensky (1993), McCarthy e Prince (1993)), se, no processo de haplologia, ocorre apagamento ou coalescência entre as sílabas envolvidas, optando pela primeira possibilidade. Além disso, a autora defende a atuação da restrição OCP-generalizado (De Lacy, 1999)⁴, que milita contra a identidade de sequências de segmentos, como a restrição de marcação que milita a favor da realização da haplologia.

Não analisaremos os argumentos trazidos pela autora para sua defesa de que ocorre o apagamento da primeira sílaba de uma sequência na haplologia (e não acontece a coalescência), porque esta questão não é relevante para nosso trabalho. Interessa-nos, no entanto, a análise segundo a qual OCP-generalizado, em interação com outras restrições, é responsável pela emergência de um *output* com haplologia. Embora não nos posicionemos sobre a disputa entre apagamento ou coalescência como resultado da haplologia, o *tableau* abaixo mostra apenas o candidato vencedor com apagamento por economia de espaço. Para que se obtivesse um *output* com coalescência, bastaria que se invertesse a posição entre UNIFORMITY e MAX.

O *Tableau* (1) mostra que, tomando um *input* como *qualidade de vida* e considerando que ocorre apagamento da primeira sílaba sob análise (por isso a restrição MAX, que milita contra apagamento, encontra-se abaixo da restrição UNIFORMITY, que milita contra coalescência), é a restrição OCP-generalizado, altamente ranqueada na hierarquia, a responsável pela ocorrência da haplologia. Os índices sob os segmentos indicam um candidato fiel ao *input* (a), um em que ocorre apagamento (b) e um em que acontece coalescência (c). Como podemos ver no *tableau* (Battisti, 2004, p. 37), o candidato vencedor é aquele com apagamento, mas, como dissemos acima, o candidato vencedor poderia ser aquele com coalescência desde que MAX dominasse

4 Faz-se necessário mencionar que De Lacy (1999) rejeita a atuação de OCP-generalizado no processo de haplologia morfológica.

UNIFORMITY. Em nossa análise, interessa-nos o fato de que a alta posição ocupada por OCP impede que uma sequência de segmentos semelhantes emerja.

/kwalidad ₁ e ₂ / /vida/	/d ₃ e ₄ /	OCP	UNIFORMITY	MAX
(a) d ₁ e ₂ d ₃ e ₄		**!		
☞ (b) d ₃ e ₄				**
(c) d _{1,3} e _{2,4}			**!	

Tableau 1 – Harmonia sintática: OCP com apagamento

Nosso trabalho traz evidências que corroboram a análise de Battisti (2005), uma vez que, ainda mais acentuadamente do que o trabalho da autora, nossos resultados mostram que quanto mais semelhantes forem as sequências de segmentos mais provável será a ocorrência de haplologia. Isto foi revelado pela seleção das variáveis *qualidade das vogais* e *vozeamento das consoantes* como estatisticamente relevantes. Os dados obtidos demonstraram que vogais iguais e consoantes de mesmo vozeamento favorecem a aplicação de haplologia.

Trouxemos Battisti (2004) apenas para ilustrar uma análise que dá a devida importância a OCP no que diz respeito ao processo de haplologia. Nossa pesquisa não precisa, neste momento, comprometer-se com uma única perspectiva teórica. Apenas destacamos que OCP, independentemente da interpretação teórica que receber (como uma restrição ou como um conjunto de restrições em uma abordagem otimalista; ou como uma regra em uma abordagem derivacional), parece ser o real gatilho para a haplologia.

5. Considerações finais

Este trabalho investigou a ocorrência de haplologia na cidade de Bagé (RS). Foram analisadas quatro variáveis linguísticas para verificar algumas hipóteses. Foi possível constatar que a haplologia ocorreu com uma frequência considerável nos dados analisados (40%), o que aponta para a possibilidade de um aprofundamento da pesquisa, com um número maior de informantes, uma vez que o fenômeno se mostrou relevante na região analisada.

Foram evidenciadas questões relevantes à aplicação do processo, como o favorecimento da ocorrência de haplologia em sequências com a mesma vogal e com consoantes de mesmo vozeamento, o que nos mostra a importância da semelhança entre os segmentos envolvidos. Isto nos levou a uma discussão sobre o papel que OCP exerce como gatilho da haplologia.

Também foi constatado que a aplicação do fenômeno é favorecida dentro da frase fonológica, como já era esperado, pois estudos como os de Tenani (2003) e Battisti (2005) já apontavam para a relevância da estrutura prosódica na ocorrência da haplologia.

A partir do que foi observado neste estudo, podemos afirmar que a haplologia ocorre com maior frequência dentro da frase fonológica, em sequências com a mesma vogal e com consoantes de igual vozeamento.

Para finalizar, cabe destacar que esta pesquisa possibilitou um maior conhecimento sobre uma variedade linguística falada em uma região pouco estudada e que merece atenção, especialmente por suas características como a proximidade com países de língua espanhola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, Mônica G. R.; GOMES, Christina A. Dois fenômenos de Supressão de Segmentos em Limite de Palavra. *Cadernos de lingüística e teoria da literatura*. Belo Horizonte, n. 7, p. 43-51, 1982.
- BATTISTI, Elisa. Haplologia sintática e efeitos de economia. *Organon*. Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 31-39, 2004.
- BATTISTI, Elisa. Haplologia no português do sul do Brasil: Porto Alegre. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 73-88, 2005.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- De LACY, Paul. *Morphological Haplology and Correspondence*. ROA – 298, 1999. Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu>>.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change – internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- MCCARTHY, John. OCP effects: gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry*, v. 17, n.2, p. 207-263, 1986.
- MCCARTHY, John J.; PRINCE, Alan L. *Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction*. New Brunswick: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *La prosodia*. Madri: Visor Distribuciones, 1994.
- PAVEZI, Vanessa C. Haplologia entre fronteiras acima da palavra fonológica. *Estudos lingüísticos*, 35, p. 1945-1951, 2006.
- PERINI, Mário A. Nota sobre o uso das velocidades de enunciação na descrição de fenômenos fonológicos. *Cadernos de lingüística e teoria da literatura*. Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 5-12, 1984.
- PRINCE, Alan L.; SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Rutgers University and University of Colorado-Boulder, 1993.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2007.
- TENANI, Luciani. Haplologia e domínios prosódicos. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 283-306, 2003.